

# Apresentação

A Revista *Dimensões* anuncia neste número o empenho na internacionalização de quatro Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, respectivamente, de História, Ciências Sociais, Letras e Linguística e a *Università Cà Foscari di Venezia*. O eixo temático *Fluxos Migratórios e Identidades* é construído em torno de uma *agenda de pesquisas* que promove revisões sobre o fenômeno migratório, ontem e hoje, numa perspectiva interdisciplinar.

O fenômeno imigratório tem crescido em importância, em âmbito internacional, e se tornado uma presença constante nas páginas dos periódicos dos países centrais, mas também daqueles do chamado *sul* global. Quer por questões internas e pelas problemáticas inerentes à imigração – sobretudo em uma dinâmica de criminalização do imigrante – quer pelos problemas gerados pelo próprio fluxo de entrada de estrangeiros – que produz dificuldades de controle para os Estados Nacionais – o processo migratório é hoje um tema candente nas sociedades de acolhida e nos países de emigração. Também, os esforços das vozes subalternas em se fazerem ouvir, num mundo que denuncia as práticas colonialistas e neocolonialistas, trazem à luz os deslocamentos e trânsitos antes invisíveis e promovem releituras de identidades étnicas, de gênero, políticas e outras. Dessa forma, considerando que são as demandas sociais do presente que oferecem o *input* temático às pesquisas das Ciências Humanas, a imigração está ocupando, novamente, um espaço importante nas discussões acadêmicas e produzindo encontros e publicações em níveis local e internacional.

A problemática migratória não é nova na sociedade humana, poder-se-ia dizer que – inclusive – é um fenômeno milenar, mesmo que a chamada imigração de massa esteja fortemente vinculada à segunda metade do século XIX e à expansão da segunda revolução industrial pelo continente europeu. Nesse sentido, pensar os fluxos de indivíduos e de grupos étnicos ou sociais não está restrito ao tempo presente, mesmo que seja esta a temporalidade que nos impulsiona a pensar o problema imigratório. Pelo contrário, este fato social nos joga também para o passado, para compreender efetivamente

a complexidade desses movimentos humanos nos quase 150 anos dos grandes deslocamentos de finais dos Oitocentos.

Ao se falar de uma relação que envolve a interação entre um *eu* ou *nós* e um *outro*, trazemos à tona as questões relativas às interculturalidades e à transculturalidade. Problematizamos a modernidade e suas metamorfoses; o Estado-Nação e seus limites; as ideologias e o poder; a memória, os projetos de vida e os sentidos da existência, de mulheres e de homens; discutimos a violência, a criminalização e a luta por reconhecimento; a pobreza, a insegurança; as políticas públicas, as identidades regionais e a ordem supranacional, os fluxos, enfim das gentes ontem e hoje, a reinvenção de si mesmos e do mundo entre a hostilidade e a hospitalidade.

O *novo* que chega gera conflito, como criou, também, no passado imigratório, pois rompe com uma pseudo-harmonia social que reina no mundo dos “iguais”. Os imigrantes trazem consigo a ruptura da ordem social, porque buscam um reconhecimento ao interno do sistema, porque acabam participando da pequena criminalidade quando não encontram espaços no mundo legal. O mesmo fez parte das dinâmicas imigratórias do passado, quando ao imigrante europeu era atribuído o conflito social, por meio de greves e organização de sindicatos: tornaram-se indesejáveis, pois não refletiam a *cordialidade* do braço nacional.

Com o artigo *Costruire Strade in Brasile: immigrati liguri e piemontesi a metà dell'Ottocento*, de autoria de Chiara Vangelista, analisa-se o espaço do trabalho como mote do processo imigratório. Nesse sentido, a autora destaca – em uma dinâmica de deslocamento que antecede a imigração de massa, pois se estabelece na década de 50 do século XIX – os processos de integração e interação com a terra de acolhida, em uma experiência maiormente falimentar, característica comum às tentativas de atração de imigrantes efetuada no período, devida ao estranhamento vivido pelos imigrantes e as condições inerentes a uma sociedade ainda fortemente escravista. Diferentemente da coesão étnica, marca dos estudos imigratórios do período imediatamente posterior, a autora destaca, neste caso, as fugas, a solidão e a experiência individual como elementos desta luta pela sobrevivência.

A ênfase no estranhamento também está presente em *Trajetórias Migrantes: ambivalência na interação 'Nós' e os outros*, de Maria Cristina Dadalto. A autora busca analisar o *encontro* com a alteridade, que envolveu os diferentes grupos assentados no estado do Espírito Santo, ao longo do processo de formação histórica da região, a partir do século XIX. Através do uso das

fontes orais, Dadalto discute as experiências de *ser estrangeiro* em diferentes contextos do território capixaba. Em um percurso diacrônico de estudo, a relação entre *estabelecidos* e *outsiders* é percebida tanto no âmbito inter-étnico – que marca o passado do processo de ocupação – quanto naquele do estilo de vida, do comportamento social – que assinala as relações presentes na contemporaneidade.

Edenize Ponzo Peres, em *Aspectos da imigração italiana no Espírito Santo: a língua e cultura do Vêneto em Araguaia*, também mergulha em uma análise da relação entre um *nós* e um *outros*, colocados nas interações do tempo presente. No entanto, a autora destaca os elementos que compõem a identidade italiana na região, enfatizando um processo de permanência, entrelaçado pela forte marca da *perda* de elementos percebidos como componentes importantes desta cultura. Utilizando-se da metodologia da linguística variacionista, Peres procura estudar essa sensação de perda contínua – sobretudo no que tange ao modo de comunicar do grupo de imigrantes – vivida pelos membros da comunidade de Araguaia.

A problemática da perda também é discutida por Susanna Regazzoni, no artigo *Italia Argentina una historia compartida: Syria Poletti inmigrante italiana, escritora argentina*. Destacando a importância do elemento feminino no processo de transculturação presente no fenômeno migratório italiano, na Argentina, Regazzoni analisa a experiência ficcional como parte de um processo de recuperação identitária, a partir do reviver da experiência de expatriação. Através do estudo da obra literária de Syria Poletti, pode-se compreender as misturas que fundam uma identidade híbrida, na qual a italianidade e a argentinidade são compartilhadas. Nesse sentido, pensa-se em uma identidade argentina que é marcada pelos aportes culturais trazidos pela massa de italianos que, em diversas décadas, foi irrigando o tecido social daquele país.

Silvia Camilotti, em *Writing from and on the border. Christiana de Caldas Brito's narratives*, também nos oferece uma leitura sobre a análise dos processos identitários a partir da produção literária. Está-se diante de um fenômeno diferente, pois se trata de uma imigração brasileira contemporânea – década de 80 do século XX – e de menor expressão quantitativa, se comparada com aquela italiana na Argentina; todavia, o texto de Camilotti não deixa de falar dos processos plurais de construção de identidade. A autora destaca, no entanto, trabalhando mais especificamente com uma das coletâneas de contos de Christiana de Caldas Brito, *Qui e là*, o conceito de

fronteira – entendido como espaço de sofrimento, mas, também, de tomada de consciência – e a ideia de um duplo pertencimento.

Na perspectiva das mudanças nos processo migratórios Europa-Brasil, Luis Beneduzi, em *Uma aliança pela pátria: relação entre política expansionista fascista e italianidade na comunidade italiana do Rio Grande do Sul*, trata da década de 1930, anos que antecedem a invasão da Abissínia pelas tropas italianas, num conturbado quadro internacional, no qual a Itália fascista é punida com sanções econômicas por parte da Sociedade de Nações. O exame do Jornal *Staffetta Riograndense*, lido por diferentes camadas sociais dentre os imigrantes italianos, atenta para a aproximação afetiva-identitária entre a comunidade ítalo-brasileira no Rio Grande do Sul e a *madre pátria* que teve sobretudo no esforço de guerra italiano a re-elaboração da experiência imigratória, com a produção de sua narrativa épica. Nota que a Abissínia é dada a conhecer aos colonos como rica, mas sob o mando de um povo bárbaro, legitimando-se a ação violenta de Mussolini e de seu exército, capaz, porém, de atrair jovens voluntários ítalo-brasileiros e de reforçar o laço entre os italianos no mundo, não mais apenas emigrados, mas cidadãos distantes e laboriosos.

Atentos igualmente às dinâmicas históricas dos fluxos migratórios, relacionando-os aos debates da identidade e do mundo do trabalho, Maria Izilda Santos de Matos e Alfredo Moreno Leitão, em seu artigo *Portugueses em São Paulo: trabalho e ação política*, analisam as relações cotidianas e as lutas políticas dos imigrantes lusitanos na São Paulo do período que separa as duas guerras mundiais. Os autores salientam – mesmo registrando o aspecto plural dos *sujeitos imigrantes* – as transformações políticas que os portugueses aportaram à realidade social brasileira, com novas formas de luta e resistência, e sobrevivência, diante da política de expulsão dos *indesejáveis*, característica da Era Vargas. No entrelaçamento de experiências imigratórias, novas identidades sociais vão sendo forjadas, internas ao grupo étnico e, também, em um contexto inter-étnico.

Em *Um povo que caminha: notas sobre movimentações territoriais guarani em tempos históricos e neocoloniais*, Celeste Ciccarone fala-nos da longa duração da história das migrações do povo *Guarani* desde o período pré-colonial até a atualidade, destacando os *Guarani-Mbya* cujo *mundo* é seu território, isto é, os caminhos percorridos por sua gente, desde os remotos antepassados, tendo como único limite o mar. Sua cosmologia desconhece fronteiras geopolíticas ou quaisquer visões estáticas de territorialidade, entretanto, sob os

paradigmas e parâmetros ditos *civilizados* (brancos) são obrigados a viver, ao mesmo tempo em que resistem às políticas de Estado, que lhes impõem o confinamento e a sedentarização, sob a idéia de tutela.

Em *Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?*, Adelia Miglievich Ribeiro apresenta outra faceta da imigração, pensada como experiência individual e vinculada à marca do exílio. Traz-nos Adorno e Said para pensar a escrita como a *morada* do intelectual exilado. Retrata as experiências de Mario Benedetti, Ángel Rama e Darcy Ribeiro. Nos *trânsitos* provocados pelas ditaduras militares do Cone Sul, expõe como os intelectuais públicos reconstruíram sua *pátria* no ideal da integração latino-americana. Entre dinâmicas que envolvem a perda e o não-reconhecimento, estuda as marcas do desassossego nos intelectuais exilados no subcontinente que fomentam o pensamento crítico, aquele que nasce apenas no *entre-lugar*, do contato com a alteridade e dos pontos de vista inéditos, produtos dos *hibridismos*.

Assim é que Jurema Oliveira apresenta-nos em *Relações literárias entre o Brasil e o Império Português na África* o intercâmbio intelectual havido entre a literatura brasileira e aquela do império português na África desde o século XIX, criador de *redes de cumplicidades* de efeitos políticos na luta anticolonialista no continente, já no século XX, quando brasileiros exilados também habitaram os países africanos numa confluência de expectativas cujos movimentos literários, a exemplo de Cabo Verde, Angola e Moçambique expressavam nalguma medida, de modo a se fazer ler a *palavra transgressora* presente no brado do martinicano Aimé Césaire ou no *Negrismo cubano* a desafia, em África, os cânones eurocêntricos.

As relações entre África e Brasil são, sumamente hoje, tratadas como políticas públicas dos respectivos países. Não gratuitamente, Brasil e PALOP, conforme trata Neusa Gusmão, em "*Na Terra do Outro*": *presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje*, articulam a vinda para as universidades públicas brasileiras de tais estudantes. O tema sociologicamente relevante traz especificidades. De um espectro, tem-se o significado desses jovens na política de Estado de seu país de origem, para o qual sua formação faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento e há de se perguntar: qual? Sob outro ângulo, importa atentar para a subjetividade desses estudantes que não se reconhecem como *imigrantes* mas como *passageiros*, ainda quando somam a graduação à pós-graduação e constituem aqui sua família, parecendo, porém, manter-se *fora de lugar*, num misto de visibilidade e invisibilidade, e como diz Sayad, *numa vida sempre provisória*, o que reporta à história mais geral da

diáspora africana. A autora estuda o cotidiano desses estudantes em Campinas (SP) e em Fortaleza (CE), ressaltando ainda o *ser negro*, mesmo que estrangeiro, num Brasil racista.

Ana Liési Thurler tematiza a migração interna brasileira hoje sob a perspectiva das relações de gênero. Elege o grupo das mulheres migrantes que deixam situações de violência doméstica em seu lugar de origem e chegam a Planaltina, cidade-satélite do Distrito Federal para trabalhar comumente como empregadas domésticas em Brasília, Capital da República. Descontroi, em sua percepção de que as migrações são necessariamente racializadas, etnicizadas e sexuadas, o senso comum de que, ora, as mulheres não se opõem à dominação masculina, ora, que a principal motivação dos deslocamentos femininos seja a questão econômica. Põe em xeque ainda o binarismo *atraso e progresso* e faz notar os desafios de uma vida digna para as migrantes em alto grau de vulnerabilidade numa sociedade, *lá e cá*, sexista e injusta.

Elisabetta Pernigotti, em *Monoparentalité et immigration au féminin en France: une question publique*, analisa a monoparentalidade migrante na França a revelar igualmente relações de gênero, de classe e relações étnicas, advindas do passado, colonial a estigmatizar e legitimar desvantagens sociais para a mulher migrante, mãe, desacompanhada de homem. Para tal grupo, a violência doméstica, as barreiras no mercado de trabalho, a negação do reconhecimento agudizam-se, e a Europa vê-se diante do *terceiro mundo dentro dela mesma*. Assim, a autora focaliza as ações públicas voltadas ao empoderamento das mulheres migrantes e das famílias monoparentais que orientam uma nova moralidade econômica.

Por fim, trazemos Juan Andrés Bresciano, em *Identidades Migrantes en contextos de globalización. Recursos Digitales para su abordaje heurístico*, que nos fala de uma imigração não expressiva quantitativamente, mas que exerce uma grande influência econômica, mas também social e cultural, nos países de acolhida. Discutindo algumas questões que envolvem os estudos das imigrações contemporâneas, como o uso de fontes digitais, como a internet, o autor encaminha questões teórico-metodológicas para a análise da expatriação de empresários de importantes sociedades que decidem se deslocar para os chamados *países emergentes*. Dessa forma, busca analisar os processos de integração nas sociedades de acolhida e a forma como essas diferentes interações – muitas vezes fruto de sucessivas re-emigrações – atua na construção das identidades dos atores sociais envolvidos.

A diversidade das abordagens do *Dossiê Fluxos Migratórios e Identidades* confirma a aposta na relevância desta *agenda de pesquisa* e convida a todos à partilha de suas conclusões e ao aprofundamento e desdobramento de suas análises que põem em xeque a idéia mesma de *fronteiras*, não apenas as territoriais, mas, desta vez, as de conhecimento. Assumimos, portanto, o desafio do diálogo a partir de contextos diferentes e procuramos erguer *pontes*, jamais *muros*, entre *eus* e *outros*, no concerto dos pesquisadores reunidos nesta publicação. Aos leitores, fazemos votos dos melhores *deslocamentos* e *trânsitos*.

Luis Fernando Beneduzi  
Adelia Maria Miglievich Ribeiro  
Os organizadores.